

BIBLIOTECA



VAMOS, NASCEU O DIVINO INFANTE

O CORREIO MISSIONÁRIO

■ DAS CRIANÇAS ■

PÁGINA DAS ADOPÇÕES

Respostas vindas das missões

De Macau, China, para João de Raymond :

Teve sorte na verdade, o nosso querido assinante João de Raymond! Não foi demorada a resposta e depois parece que Deus lhe destina um afilhadinho muito gentil. Está contente?

Eis a resposta ao seu pedido :

«Um pequenito que escapou do cólera parece ter sido enviado por Deus para satisfazer o seu desejo. No hospital tínhamos um pavilhão especial para estes pobres doentes. Muitos obliteram assim o seu passaporte para o céu, mas muitos também curaram, graças aos bons cuidados recebidos. Entre estes últimos encontra-se o seu protegidozinho.

Um dia, eu estava na sala e ouvi alguém que soluçava. Aproximei-me da cama donde vinham êsses soluços e vejo um chinezito de doze anos todo lavado em lágrimas.»

— Vamos lá a ver, que é que tu tens? — perguntei-lhe — dói-te alguma coisa?... Dize-me, porque choras assim?...

Responde através dos seus soluços :

«É que eu já não tenho papá, morreu na guerra. Já não tenho mamã, morreu com o cólera. Já não tenho o meu irmão, morreu também do cólera... Não tenho ninguém!... Também não tenho dinheiro e tanto queria comprar uma laranja, mas não tenho mesmo duas sapecas e ninguém mo dá...» Satisfazer o desejo do pobre doentinho foi coisa que não tardou, nem foi difícil e muito contente, daí a pouco, sugava os gomos duma excelente laranja.

Agora está já curado. A policia ia levá-lo a um asilo de crianças abandonadas, mas nós in-



Natal, festa de alegria



ATAL!

Glória a Deus! Paz na terra!

Natal!

Em Rangun, os leprosos afadigam-se em grandes preparativos. Que animação, que vida! Ninguém nessa hora, pensa no seu triste mal. Católicos, budistas e pagãos trabalham com igual ardor para a festa do grande *Peya* (Deus).

Meses antes é costume, na leprosaria, deitar cada pessoa um *pice* (vinte centavos) por semana para custear as despesas da grande iluminação do Natal.

Um *pice* não é grande coisa, com certeza, mas quando não se recebe mais do que uma pequena retribuição de dois ou três *annas* (oitenta centavos ou um escudo) por semana para pagar alguns extraordinários ou comprar qualquer mimo, é preciso ser-se generoso ainda assim para o dar e de boa vontade. Todos os leprosos o fazem sem dúvida porque, na Birmânia, uma festa sem iluminação, uma festa sem música e sem barulho não é uma festa! É preciso que a do Natal passe adiante a tôdas. É preciso que esta noite única, resplandeça como um pleno meio-dia; é preciso uma orquestra magistral; por isso aos sinos, tambores e flautas juntam-se caldeiras, tinas de petróleo e testos fazendo as vezes de fortes caixas; bambus cortados substituem maravilhosamente as castanholas. E finalmente, grande refôrço de barulheira, quatro canhões colocados nas extremidades do recinto correspondem-se. Estes canhões, inventados pelos próprios leprosos, têm um verdadeiro resultado. A fabricação é simples: uma secção de bambus cheia de petróleo e atravessada por uma mecha: põe-se-lhe o fogo e estoura que é capaz de ensurdecer uma pessoa. Encantados com o resultado, os leprosos divertem-se a multiplicar as experiências; a cada instante nova detonação! Quanto à iluminação, conhece-se já bem o gênio e a arte birmane nesta matéria. Quinze dias antes os pavilhões da leprosaria estão transformados em sala de trabalho. Tôdas as manhãs trazem feixes de flexíveis bambus e, à noite, ei-los transformados em carcaças de tôdas as formas, de tôdas as grandezas. E quando uma bela manhã, estes esqueletos se revestem de papel de côr imitando peles de tôdas as espécies e se tor-

nam tigres, elefantes, caranguejos gigantes, tartarugas, pavões, enormes borboletas, cegonhas, girafas, etc., etc. Pergunta-se: Noé não ficaria um pouco pensativo se voltasse à terra? A sua arca estava melhor populada?...

Chega a tarde da vigília. Tôda esta criação sai triunfal dos pavilhões. As avenidas, os canteiros da leprosaria tornam-se um verdadeiro jardim zoológico. Dumas árvores às outras e formando grinaldas, ou então suspensas dos arcos das galerias, há lanternas de tôdas as formas e de tôdas as côres. Bem em evidência, num imenso feitiço oval, uma cruz com o «Gloria in excelsis Deo» em grandes caracteres, lembra a todos a festa que se celebra.

O sol desaparece enfim. Só se esperava isso. De-repente, avestruzes, elefantes e outros animais, os barcos, mapas, aviões e lanternas, iluminam-se. Aos olhos dos birmanes, é um esplendor, uma verdadeira magia e o máximo da alegria é que as *Mâmãs* participam da sua admiração!...

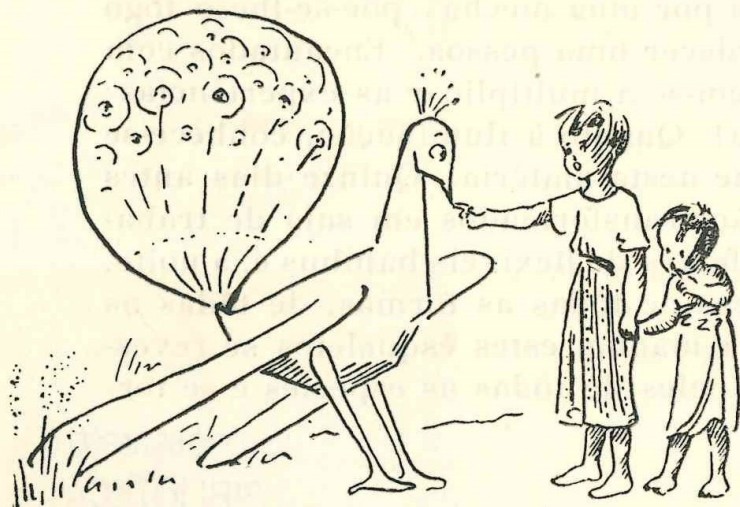
Quando o entusiasmo acalmou um pouco e que se pensa já nos preparativos da ceia, a Madre Superiora e algumas enfermeiras dão um passeio pelos pavilhões, admirando ainda, distribuindo presentes, bombons e cigarros, semeando ainda a alegria e anunciando mais uma vez as divinas promessas desta bela festa.

Glória a Deus! Paz aos homens de boa vontade.

11 horas e meia. O sino dança nos ares.

Em breve a capela fica repleta. Caixas rolantes, uma maca, uma cama de campanha mesmo encontraram lugar para os mais doentes que não podiam resignar-se a não cantar com os outros.

Ao pé do altar, um presépio artístico, discretamente iluminado; o divino Menino tem os bracinhos abertos.



«Vinde a mim... e eu vos aliviarei!», parece dizer a todos.

Um pouco antes da meia noite, dezóito doentes que desde há meses se preparavam para esta graça, recebem o sacramento que nos faz cristãos.

Depois começa a missa

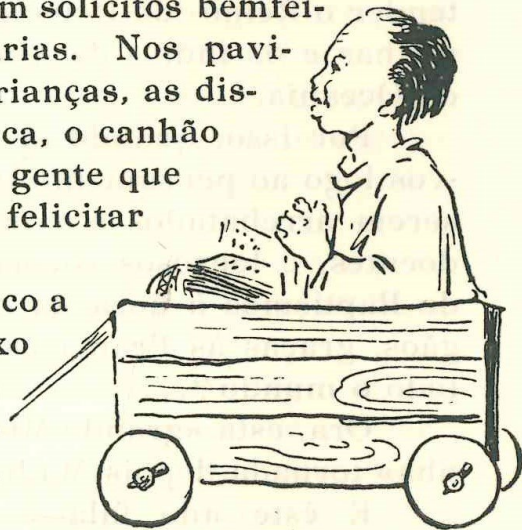


solene; os leprosos cantam de todo o seu coração.

No momento da Comunhão os católicos, incluindo os novos baptizados, recebiam todos o grande Deus feito Menino e mesmo numa Hóstia pequenina... As duas Missas que se seguem não parecem muito longas ao seu fervor. Bem alegre no entanto é a seguir a ceia da meia-noite. Em cada sala esperam as bandejas guarnecidas e o bom chocolate, fumegante. Fazem-lhes a honra devida os queridos leprosos, depois, já cansados, vão para as suas camas.

Todo o dia ainda é festa na Ásia. Ao meio dia, arroz e os *curries*. Depois começam as visitas. Chegam solícitos bemfeitores, carregados de presentes, de doçarias. Nos pavilhões dos homens, das mulheres e das crianças, as distribuições sucedem-se. O gramofone toca, o canhão troa e nas avenidas do jardim há muita gente que se demora a admirar as decorações e a felicitar os artistas.

Chega muito de-pressa a noite; pouco a pouco, a calma estabelece-se... Debaixo do céu azul todo constelado de estrêlas, sente-se mais docemente ainda a envolver-nos essa paz que o Emmanuel vem cada ano trazer à terra.



Um caso a resolver

As grandes do orfanato de Santo António, em Bombaim, foram convidadas a visitar a nova casa.

Uma pequenina aproxima-se da professora e diz-lhe:

«E eu, Madre, então esqueceu-se de mim?

— Oh! tu és muito pequenina!

— Como?! Outro dia disse-me que já não devia chorar porque era uma menina tão grande... e hoje sou muito pequenina para ir visitar a casa?...»



TENDES ouvido falar da «Grande Missionária» que há sessenta anos apenas, fundava um Instituto especialmente destinado a levar a Adoração da Santa Eucaristia a todos os Continentes e a estender o Reino de Deus na Ásia como na África, entre os peles-vermelhas e os índios da América como entre os habitantes das ilhas da Oceania.

Por isso, quando se fala no nome de Maria da Paixão, vem-vos logo ao pensamento tantos pobres bêbêzinhos recolhidos para serem arrebatados a uma morte certa, a juventude formada, os doentes, e leprosos socorridos. Já sabeis que mais de um milhão de Baptismos à hora da morte puderam abrir o céu a pobres pagãos, graças às Franciscanas Missionárias de Maria dispersas por todo o mundo?...

Ora, esta «grande Missionária» foi primeiramente a «Helenazinha» tornada depois Madre Maria da Paixão.

E êste ano fala-se muito particularmente da «pequenina Helena»! É que no dia 21 de Maio decorrido, os sinos alegres cantavam o centenário do seu nascimento um pouco por tôda a parte. Quereis que o vosso *Correio* vos fale dela?

Sim, há cem anos certos nascia ela sob o belo céu da Bretanha, numa família de velha nobreza bretã e sobretudo cristianíssima, a família de Chappotin de Neuville.

Pais, irmãos, irmãs e tôda a família a acolheram com uma alegria extraordinária. Mas no seu bercito, a nova recém-nascida encontrava mais que os bens, e as alegrias da terra: preciosas tradições de fé, de generosidade, de coragem.

Logo no dia seguinte ao do nascimento, foi baptizada na igreja de S. Clemente de Nantes e recebeu os nomes de Helena Maria Filipina. A irmã mais velha, Martinha, teve a alegria de ser sua madrinha.

A primeira infância de Helena passou-se em grande parte no Castelo do Forte antigo local de caça dos duques de Bretanha, e onde viviam juntos e na união mais encantadora a família de Chappotin e de Afonso do Forte, tio da pequenina Helena.



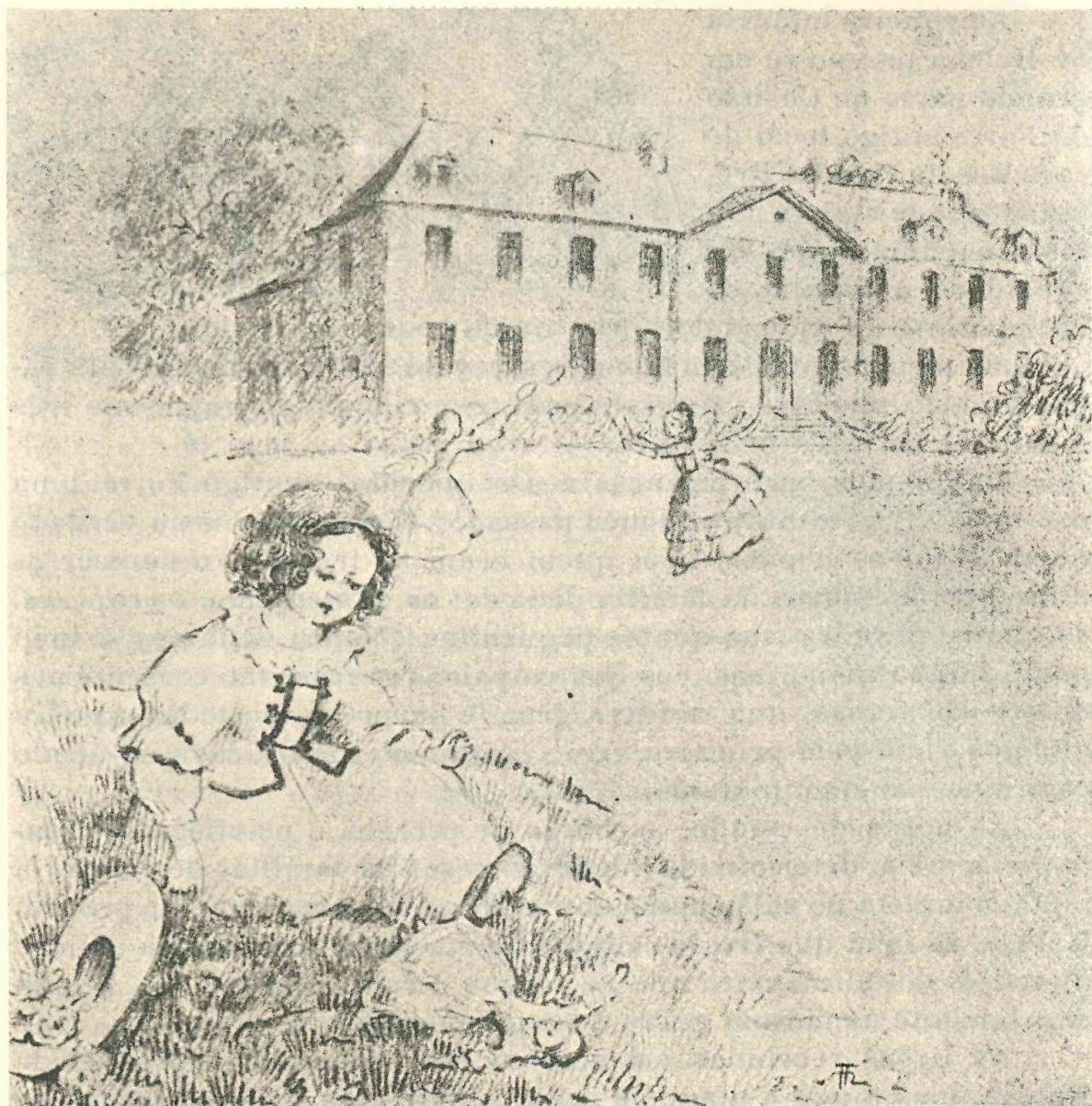
«O meu tio teve seis filhos, escreverá ela mais tarde: um rapaz e cinco meninas; a minha mãe teve cinco, dois rapazes e três meninas; eu era a mais nova.

Havia pois onze crianças nesse querido e antigo Forte, uma das mais vivas ternuras do meu passado. Não sabíamos na verdade quem eram os irmãos, nem quem eram as irmãs. Ao nomear os diferentes membros da família dizia-se: os quatro pais, os rapazes, as quatro grandes e as quatro pequenitas. Nunca dizíamos «o meu pai, a minha mãe», mas, «os quatro pais» era frase tão corrente nas nossas conversas, que causava grande surpresa em todos aquêles que nos viam pela primeira vez. Geralmente tudo ficava edificado com uma semelhante união.

As horas de estudo, as horas de recreio, o privilégio de sentar-se a uma determinada idade à mesa da família, de passar a noite completa no salão numa outra, tudo estava regulado e a própria Helena, se bem que tivesse adquirido um lugar especial na afeição de todos, de tal maneira que se tornou a rainha da família, seguia exactamente os mesmo graus do regulamento.

As lições recebidas em comum eram presididas pela tia de Helena, mas a mãe a ninguém cedia a vigilância sôbre o coração da filha. Vendo o amor de Deus a despertar já nesta almazinha, e os ricos tesouros escondidos debaixo dessa natureza exuberante, cultivava-a com um cuidado muito particular. E em breve Helena revelou disposições e uma precocidade de espírito surpreendentes:

«Eu era muito pequena, contava ela, e estava um dia a brincar com uma boneca; de-repente pensei que tinha muito amor àquela pele morta e àquêl papelão que não tinha a faculdade de amar, e deitei-a fora. Compreendi que amar e ser amado perfeitamente devia ser a felicidade e as bonecas insensíveis nunca mais me divertiram».



Mas, como a vivacidade, a inteligência e a graça afectuosa de Helena se manifestavam a todo instante em saídas espirituosas, de quantos episódios bonitos não foi testemunha o velho Forte com o seu pátio principal, a sua antiga escada em madeira esculpida, os jardins, as ruas arborizadas, o seu bosquezinho!...

Tão numerosas são as recordações da pequenina Helena tão encantadores os seus actos que revelam já a grandeza, a beleza da sua alma, a sua atracção para o bem, para a caridade, que formam como que um bonito canteiro todo esmaltado de mimosas florinhas.

Mostram duma maneira bem clara como a mão de Deus conduzia a encantadora bretâzinha para a sua grande vocação missionária. Cada um tem um encanto particular, uma tal graça, que em vez de se contarem como simples histórias, porque não apresentá-las tal como foram vividas, em bonitas peçazinhas, verdadeiros quadros?...

E assim encontrareis a primeira no próximo número do vosso *Correio Missionário*.

As férias passaram, é certo, mas quem sabe se as longas noites de inverno não serão propícias para levar a efeito as «Florinhas» da «pequenina Helena»?

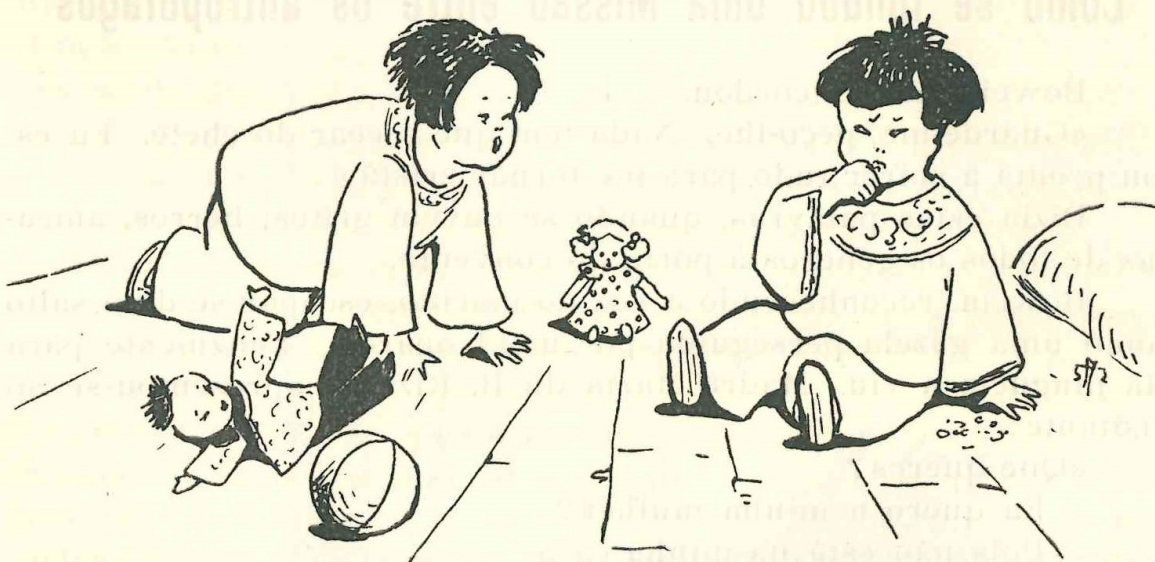
Os pistácios de Ly-hoá

Importante personagem de três anos, sentada no chão, trinca como torrões de açúcar, saborosos pistácios.

Essas amêndoas torradas, um pouco salgadas, que regalo são para ela!

A dois passos de distância, nas suas quatro patinhas, *Tzé-y* observa-a com um olhar por sua vez encantado e ao mesmo tempo de censura.

Se tenta aproximar-se, com um gesto significativo, *Ly-hoá* mantém-na afastada.



Há um instante já que a *Siéu-tau* segue tôda aquela cena :

«Então, *Tzé-y*, queres os pistácios de *Ly-hoá*.

— Não, não quero, tenho muitos ainda, responde ela com a sua vivacidade ordinária. O meu pai (é ao marido da ama que a pequena órfã assim chama) deu-me muitos. Fui eu que dei dêles a *Ly-hoá*, acrescenta ela com um sorriso de satisfação.

— E então agora ?

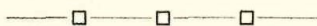
— Agora... (E o rostozinho da pequenita entristece-se de repente). Olha, *Siéu-tau*, come os meus pistácios e não gosta de mim !

Grande decepção para a pequenina chinesa que vê o seu benefício recompensado pela ingratidão ! Felizmente a *Siéu-tau* ensina-lhe a maneira de transformar essa pena em alegria.

«Ouve, *Tzé-y*, não te importes com isso. Quando dás de boa vontade os teus pistácios, Jesus fica contente ; mas quando te os não agradecem e não sentes pena por isso, Jesus gosta duas vezes mais de ti.»

Um belo sorriso ilumina logo o rosto de *Tzé-y* sem tristeza nenhuma agora, saltita sôbre o *Kan* e muito alegre repete :

«Jesus fica contente quando dou os meus pistácios... *Ly-hoá* não disse obrigada, mas Jesus gosta mais duas vezes de mim !...



Como se fundou uma Missão entre os antropófagos

Boweia não concordou.

«Guarda-me, peço-lhe. Nada tem que recear do chefe. Eu estou pronta a sofrer tudo para me tornar cristã.»

Dizia estas palavras, quando se ouvem gritos, berros, ameaças de todos os géneros à porta do convento.

Boweia, reconhecendo a voz do marido, escapou-se dum salto como uma gazela perseguida por um leopardo. Felizmente para ela ninguém a viu. Madre Maria du B. Rizzier, apresentou-se ao visitante :

«Que queres ?

— Eu quero a minha mulher ?

— Pois não está na minha casa.

— Mas estava cá...

— Procura-a, se queres. Não a encontrarás.»

Voltando-se e vendo uma coisa a bulir numa mata:

«Está ali! Está ali!» E lança-se em perseguição dêsse ser imaginário.

Alguns minutos depois voltava. Nada. Era Boweia?

Talvez! Mas mais hábil, tinha-se escapado. Quando o chefe já estava longe, ela reaparece triunfante:

«*Mamelo*, cá estou outra vez! Ele não me terá! Eu não sou sua mulher, sou uma mulher livre.»

Com efeito, ela era filha de *Njoku*, êsse negro que, prestes a morrer tinha sido o primeiro a ser baptizado em Nova Antuérpia.

Durante semanas, o chefe vinha tôdas as tardes à Missão, mas Boweia, sempre à espreita, tinha bem o cuidado de se não mostrar. Além disso, a sua irmãzinha mais nova, uma gentil negrita de seis a sete anos, trazia-lhe todos os dias, às escondidas as suas refeições e advertia-a do perigo. Muito graciosa, dizia às Irmãs: «*Mamelo*, eu também queria vir para junto de vós, mas agora não posso, por causa de Boweia». Finalmente, já cansado, o chefe deixou-se das suas visitas. Boweia seguiu o catecismo, recebeu no Baptismo o nome de Coleta e tornou-se na Missão uma auxiliar tão abnegada como trabalhadeira.

Um dia caiu doente: «*Mamelo*, vou morrer. Gostaria imenso de fazer a minha primeira comunhão. «Essa grande graça não tardou, seguida da Extrema-Unção. A presença de Jesus dava-lhe a paciência e a alegria de sofrer.

«É por amor de Deus e para obter o Baptismo à minha mãe, e aos meus irmãos e irmãs;





depois irão todos juntar-se-me no céu!»

Uma boa sopa com pouca despesa.

O ano de 1900 começava esplendidamente.

Na aldeia cristã, as palhotas novas ultrapassavam o número das antigas. e tôdas as semanas, pode dizer-se, se viam aparecer outras; no convento contavam-se mais de du-

zentas rapariguinhas nas obras e estavam sempre a chegar mais.

«No mês de Fevereiro, diz Madre Maria do B. Rizzier no seu jornal, anunciaram-nos um refôrço extraordinário de pretendentes catecúmenas. À pressa, constrói-se uma fila de «chimbeks» muito próximo do nosso convento. Apenas se acabaram, chegou um verdadeiro batalhão de mulheres pagãs, a maior parte carregadas com um filhinho devidamente atado às costas e escoltadas por negrinhos de dois, de três, de quatro, de cinco e seis anos.

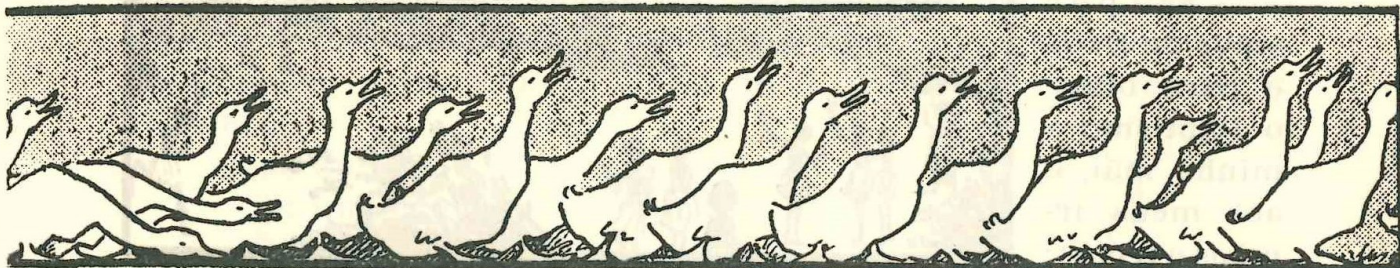
Que colônia! Instalou-se o melhor que se pôde. Algumas das mulheres, as mais valentes e já mais ou menos formadas pelos catequistas, ofereceram-se para nos ajudar. Iam buscar água, lenha, varriam as ruas; pouco a pouco abriram-se-lhes os melhores domínios da lixívia e da cozinha.

«Mas no meio delas havia uma dúzia excessivamente selvagens».

Por exemplo:

Para quando elas chegassem, tinham-se instalado nos nove grandes chimbeks inteiramente novos, uma cama para cada uma.

Uma cama? Mas o que queria dizer aquilo para as habitantes



do mato? No dia seguinte, coisa estupenda! As Irmãs ao entrar no «chimbek» encontraram o chão atapetado duma espessa camada de fôlhas de bananeira... Era o colchão.

«Onde estão as camas?...

— Os bocados de madeira?...

— Sim.

— Fizemos com êles uma excelente fogueira, esta noite.»

Primitivas quanto possível em tudo o que dizia respeito à habitação e à «toilette», as recém-chegadas mostravam-se singularmente difíceis na alimentação. Começaram por reclamar carne, luxo que não se pode oferecer a cada refeição na selva. Como a explicação não lhes agradasse nada, eis como elas se tiraram de apuros:



Havia na Missão uma bela criação de patos nos quais se concentravam todos os nossos sonhos. Estas primícias da futura capoeira estavam ciosamente guardadas ao abrigo dos leões, dos chacais, das gibóias.

De manhã, ao meneio de sonoros «cuás, cuás, cuás» desfilavam diante da cozinha, altivos e alinhados como um regimento. A Irmã cozinheira lá estava passando revista. Ora, o seu legítimo orgulho empalideceu no dia em que 15 patos, os mais formosos, os mais roliços, se fizeram notar pela sua ausência.

Onde estão êles?... Na capoeira?... Vai-se logo ver...

Vazia!

E até à noite, repercute em todos os sentidos, mas em vão, o irresistível: «marreco, marreco, marreco!» que provocava sempre uma corrida desenfreada entre tôda a criação.

Naquele dia, nada se descobriu.

Depois da aula, as negrinhas foram convocadas para uma verdadeira caçada. Mediram a selva dum lado ao outro.

Nada, nada...

Passados dois dias, nova consternação: agora dezasseis patos faltavam à chamada. O batalhão estava, não dizimado, mas reduzido à décima parte...

Evidentemente que havia ali alguma coisa de extraordinário. Não se podiam deitar as culpas nem à gibóia, nem ao tigre; teriam deixado rastros, e ter-se-iam ouvido na noite os gritos dos voláteis aterrorizados.

A Madre Maria do B. Rizzier reflectiu um instante; depois ao sair da aula, fazendo parar as garotas prontas a dispersar-se, diz:

«Desapareceram esta semana trinta e um patos. Pois bem, aquela que conseguir descobri-los, prometo-lhe que terá um lindo «mata-bicho».

Os olhos fulguram e o pequeno grupo dispersa-se.

Sorratamente, uma das negrinhas introduz-se no «chimbek» das mulheres. De nariz no ar comoum bom cão de caça, aspira o odor dum bom guisado de carne e aproveitando um instante em que ninguém a vê, muito ágil, levanta o testo da panela, depois, à sorrelfa, sai como tinha entrado e à desfilada, corre para casa das Irmãs.

— *Mamelo! Mamelo!* Eu encontrar os patos!

— Os patos? Onde estão?

— Em casa das mulheres.

— Em casa das mulheres?

— Sim, na panela.

Imediatamente, Madre Maria do B. Rizzier atravessa o pátio e entra no «chimbek». Duas negras, regressadas ao seu pôsto, vigiam a panela.

— Então, que estais aí a fazer?

— Nós cozer mandioca.

— Oh! como é boa a mandioca! Deixai-me ver...

E sem lhes dar tempo de fazer um movimento, Madre Maria do B. Rizzier tira o testo da panela.

— Bela mandioca, com efeito!...

Duma cheirosa sôpa emergiam algumas penas, algumas cabeças de pato...

— Ah! É esta a vossa mandioca?

— Nós não roubar patos, balbuciavam as culpadas.

— Como, vós não roubastes os patos?...

— Veja *Mamelo*, veja...

(*Continua*).

PÁGINA DAS ADOPÇÕES

(Continuação da 2.^a pág.)

tercedemos por êle e conseguimos que fôsse admitido no orfanato dos Padres Salesianos.

Justamente alguns dias depois chegava-nos do Secretariado dos Anais o seu pedido dum afilhadinho, João.

Não temos orfanato em Macau, mas êste pobrezinho que escapou do cólera apresenta-se justamente para satisfazer os seus desejos. Depois teve uma recaída. Na véspera do dia em que devia deixar o hospital foi acometido duma febre violenta, o que não é raro a seguir ao cólera; mas foi tão bem tratado que isso não durou muito tempo. Agora ei-lo correndo pelos corredores do pavilhão, menino amimado das enfermeiras que lhe dão ora uma laranja — o seu peca-dilho — ora um rebuçado.

Qualquer dia entrará pois no orfanato dos Salesianos onde não tardará a tornar-se um bom cristão. Esperamos fazer chegar até lá as notícias do seu jovem bemfeitor.»

De Homoïne, África Oriental Portuguesa,
para Maria Teresa de Abreu Fonseca — Foz do Douro.

Está satisfeito o seu pedido. A Missão de Homoïne diz ter-lhe encontrado já a sua afilhadinha:

«A pequenina Maria Teresa já foi escolhida e faz parte das nossas crianças da creche; é uma pequenina muito, muito interessante! Quanto ao seu retrato será para mais tarde um pouco; no meio do mato as ocasiões são mais raras e se bem que um Padre saiba tirar fotografias, é quási sempre o tempo que lhe não dá para isso.»

Avô — D. Maria de Lourdes Lencastre — Para o Baptismo dum pretinho com o nome de José Benjamim pedindo-lhe para rezar a Deus pela saúde dos seus filhinhos 10\$00
D. Virgínia Marques — Para o Baptismo dum pretinho com o nome de José 10\$00
Uma criada de servir — Purificação Nogueira — Para o Baptismo duma pretinha com o nome de Bernardete 5\$00

Nihil obstat

7-11-939.

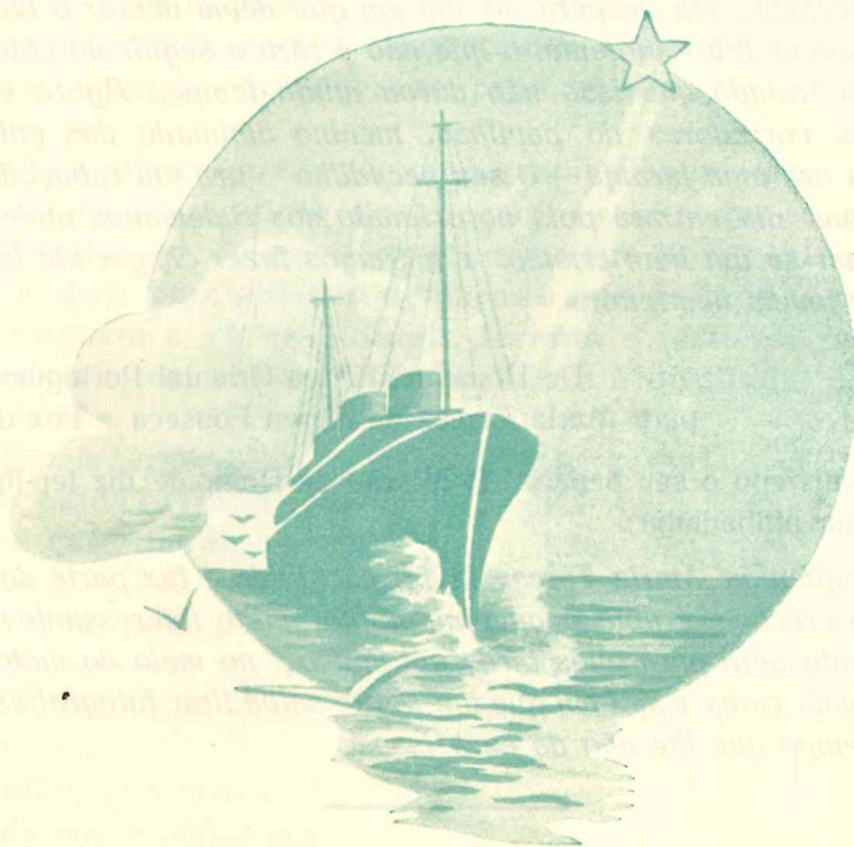
P. M. Rodrigues de Azevedo.

Imprimatur

Bracaræ, 8 November 1939.

† A., Arch. Bracaræ.

PÁGINA DAS ADOÇÕES



CORREIO MISSIONÁRIO DAS CRIANÇAS.— Assinatura anual : 5\$00 — Colónias : 6\$00

Para os assinantes dos Anais : 4\$00 — Assinantes Bemfeitores : Grátis

Número avulso : \$60

Tipografia das Missões Franciscanas — Braga